

**Coordenação:**

Dr. Héctor Ricardo Leis

**Vice-Coordenação:**

Dr. Selvino J. Assmann

**Secretaria:**

Liana Bergmann

**Editores Assistentes:**

Doutoranda Brena Magno Fernandez

Doutoranda Sandra Makowiecky

**Linha de Pesquisa**

A CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

RAFAEL RAFFAELLI

**Considerações Interdisciplinares:  
Psicanálise e Psicologia Cognitiva**

N 27 - Setembro 2002

**Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**

A coleção destina-se à divulgação de textos em discussão no PPGICH. A circulação é limitada, sendo proibida a reprodução da íntegra ou parte do texto sem o prévio consentimento do autor e do programa.

# Considerações Interdisciplinares: Psicanálise e Psicologia Cognitiva

RAFAEL RAFFAELLI\*

## RESUMO

O conceito de inconsciente, central na teoria psicanalítica, tem sido criticado pela maioria dos psicólogos experimentais na História da Psicologia. A Psicanálise foi considerada principalmente como uma teoria da personalidade sobre desenvolvimento emocional e motivos ocultos nas patologias mentais e nos sonhos, e não trabalhando com cognição. Mas a Psicanálise também pode ser considerada uma teoria cognitiva, como expressa em *A Interpretação dos Sonhos*, e nos trabalhos de alguns colaboradores próximos a Freud, como Ferenczi. A análise experimental do papel dos resíduos diurnos na elaboração dos sonhos, conduzida inicialmente por Pötlz em 1917, abriu um novo campo de pesquisa. Na década de 50 muitos pesquisadores começaram a trabalhar com a percepção subliminar (subcepção) em bases psicanalíticas. Atualmente há um crescente interesse nos estudos cognitivos sobre o inconsciente, que pode ser considerado um conceito integrador.

## PALAVRAS-CHAVE

Inconsciente; Percepção; Sonho; Cognição.

## ABSTRACT

The concept of unconscious, central in the psychoanalytic theory, has been criticized by most of the experimental psychologists in the History of Psychology. Psychoanalysis had been mainly considered a personality theory about emotional development and hidden motifs in the mental pathologies and dreams, and not working with cognition. But Psychoanalysis should also be considered a cognitive theory, as expressed in *The Interpretations of Dreams*, and in the works of close collaborators to Freud, as Ferenczi. The experimental analysis of the role of the day residues in the elaboration of dreams, conducted initially by Pötlz in 1917, opened a new field of research. In the 50's many researchers began to work with subliminal perception (subception) in psychoanalytic bases. Nowadays, there is a crescent interest in the cognitive study of the unconscious, that may be considered a integrating concept.

## KEYWORDS

Unconscious; Perception; Dream; Cognition.

---

\*Doutor em Psicologia Clínica PUC/SP  
Professor Titular do Departamento de Psicologia  
Professor do DICH/UFSC

## **Considerações Interdisciplinares: Psicanálise e Psicologia Cognitiva**

A idéia central do pensamento freudiano é a noção de inconsciente. Mas esse inconsciente não se reduz a um lugar onde os processos anímicos acontecem fora do domínio da consciência. Para Freud o inconsciente é dinâmico e não um conceito meramente descritivo.

Todavia, esse conceito nunca foi uma unanimidade entre os psicólogos. William James (1890), por exemplo, afirmou que a noção de inconsciente "is the sovereign means for believing what one likes in psychology, and of turning what might be a science into a tumbling-ground for whimsies". (JAMES,1890/1981:163-164)

Outros psicólogos da mesma época, a despeito dessas referências desabonadoras, começaram o estudo dessas "sensations so faint that we are not fairly aware of having them(...)". (PIERCE & JASTROW,1884), ligando-as à intuição feminina e mesmo à telepatia.

Mas a corrente principal da Psicologia continuou a menosprezar esses fenômenos de difícil análise experimental, considerando que a consciência vigil era o único parâmetro válido para a análise científica. Esse primado da consciência, notável em James, foi por sua vez abandonado posteriormente devido ao predomínio do comportamentalismo. Só mais tarde, com o advento do assim denominado "*New Look*" em cognição - a partir de 1950 - retomou-se o interesse pelo estudo da consciência e mesmo pelos aspectos cognitivos inconscientes. Esses estudos visavam separar os efeitos de memória, motivação e personalidade sobre a percepção subliminar.

Na atualidade distingue-se o 'inconsciente psicanalítico' do 'inconsciente cognitivo', o primeiro como o resultado da repressão de uma pulsão de origem sexual e o segundo

referente aos processos cognitivos situados abaixo do limiar de consciência. Os estudos clínicos teorizam sobre afetos e motivações inconscientes e os estudos experimentais sobre percepção e memória subliminares.

A idéia de um inconsciente cognitivo teve ampla repercussão com o artigo de KIHLMSTROM (1987) publicado na revista *Science* e reafirmado por RODIGER (1990) na *American Psychologist*, mas os pesquisadores experimentais continuam distantes da noção freudiana, tida como não-demonstrável, como se a cognição fosse um processo exclusivamente racional.

Por outro lado, a Psicanálise sempre foi reconhecida como uma teoria geral do desenvolvimento infantil e da personalidade humana, eminentemente voltada para a prática clínica, e não como uma teoria cognitiva.

A despeito dessa visão corrente, o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895) e os conceitos elaborados no *Capítulo 7* de *A Interpretação dos Sonhos* (1900) formam uma teoria cognitiva. Nessa obra, preocupado com a natureza da representação mental, Freud faz a distinção entre pensamento consciente e inconsciente, entre processo primário e secundário, teorizando sobre os mecanismos da atenção e os aspectos cognitivos dos estados alterados de consciência. (*vide* RAFFAELLI, 1997)

Os conceitos de pensamento primário e secundário são relacionados com o desejo alucinatório, os mecanismos de condensação, deslocamento e simbolização são explicitados e realiza-se a distinção entre representações objetais e representações de palavra.

Obras subseqüentes de Freud demonstram seu interesse pelos aspectos cognitivos da mente humana, como *Uma nota sobre o Bloco Mágico* (1925), entre outras, na qual admite a existência de sensores inconscientes que, através do sistema Pcpt.-Cs., classificariam as excitações provindas do mundo exterior. (FREUD, 1925/1987:290)

Nesse entender, a sede metapsicológica desse processo estaria localizada nas parcelas inconscientes das instâncias narcisistas (ego, ego ideal, superego, ideal do ego), como seu conteúdo representacional. As imagens que formam o inconsciente são originadas pela experiência corporal do ego primitivo. A busca de perceptos adequados - de prazer - só se realiza a contento quando as sensações são incorporadas ao ego, associando-se às imagens vinculadas a uma situação relacional específica. É em torno da relação de nutrição (mãe-nenê) que os perceptos originalmente se estruturam, tendo como matriz o contato corporal, transformando o corpo em imagem, dando-lhe o caráter de objeto imaginário.

A idéia de juízo ou pensamento judicativo, assimilada da filosofia iluminista e de Kant em particular, se traduz nessa parada do processo primário na encruzilhada da satisfação, sem saber em que direção investir, dependente de sua imagem-guia. A análise da função do julgamento nos permite compreender a gênese do intelectual a partir do conflito pulsional, pois sem a denegação (*Verneinung*), representante da pulsão de morte, não teria sido possível a suspensão temporária do recalque que liberta o aparelho psíquico da compulsividade do princípio do prazer; além disso, talvez possamos aproximar o conceito de denegação da idéia do '*proton pseudos*' (mentira original), tal como apresentada no *Projeto* - como o momento inicial do descolamento entre necessidade e desejo.

O ego está vinculado com a realidade e com a consciência, envolvendo nessa relação todas suas 'faculdades intelectuais', o que acarreta um superinvestimento (*Überbesetzung*) e erotização do pensamento. Essa ligação do ego com a realidade se manifesta pela função de julgar, que é gerada pela angústia (*Angst*) frente a uma ameaça interna ou externa. Dessa forma, o ego é onde se localiza a angústia, que funcionaria como uma espécie de 'gatilho' do pensamento. Essa é a segunda teoria da angústia em Freud, exposta em sua obra *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926), que se contrapõe à noção

anterior de angústia enquanto um processo automático de sinalização para a descarga de quantidades excessivas de excitação, semelhante a um 'termostato'. (FREUD,1926/1987:113)

A base dessa argumentação é que a angústia é um estado afetivo e, sendo assim, só pode ser sentido pelo ego. O id, por não se constituir em uma organização, não pode avaliar situações de ameaça e, assim, não sente angústia.

Freud admite uma inequívoca relação da angústia com a expectativa, atribuindo-lhe as qualidades de indefinição e falta de objeto. Devido a isso existe a necessidade da internalização da sensação ameaçadora, para que ela possa tornar-se um objeto de percepção para o ego, isto é, uma representação associada a um traço mnêmico permanente, já que "criancinhas estão constantemente fazendo coisas que põem em risco suas vidas". (FREUD,1926/1987:196)

Entretanto, se determinados parâmetros advindos da estruturação do ego provocam angústia, por outro lado é uma classificação de sensações que permite identificar esses parâmetros. Se a classificação de sensações pode ser entendida como fundamento de uma atividade seletiva inconsciente, em que o julgar (pensamento judicativo) está presente, e sendo a angústia a base dos pensamentos, podemos supor, então, que foi a necessidade de encontrar uma resposta aos sinais de angústia que motivou essa atividade seletiva. Assim, da angústia primitivamente descarregada pela atividade motora, parte foi conservada como investimento vinculado a uma rede associativa, tendo como sustentação as imagens inconscientes, e essa estrutura desenvolveu um mecanismo de filtragem de sensações segundo critérios de evitação da angústia. Isso significa que sem angústia não há pensamento e sem pensamento não há como classificar e selecionar sensações, isto é, sem a vinculação do investimento móvel da angústia inexistente base econômica para a sustentação

do processo seletivo. E como a sede da angústia é o ego, e como esse processo seletivo tem nele sua gênese e seu motor, poderíamos denominá-lo narcisista.

A origem da angústia primitiva é a superestimulação, contra o que o organismo se defende levantando um escudo protetor, no qual estão empenhadas três barreiras: 1.na direção real-inconsciente (sensação ou registro inconsciente) constituindo-se no animismo ontológico perceptivo; 2.na direção inconsciente - pré-consciente (percepção ou registro pré-consciente), constituindo-se na seleção narcisista primária; 3.na direção pré-consciente - consciente (percepção consciente), constituindo-se na censura narcisista secundária dos conteúdos pré-conscientes antes dos mesmos penetrarem no âmbito da consciência.

Freud, em *Moisés e o Monoteísmo* (1939), refere-se a essa relação entre percepção e consciência:

Do fenômeno da consciência, podemos, pelo menos, dizer que esteve originalmente ligado à percepção. Todas as sensações que se originaram da percepção de estímulos penosos, táteis, auditivos ou visuais, são as mais prontamente conscientes. Os processos de pensamento, e tudo o que possa ser análogo a eles no id, são, em si próprios, inconscientes, e obtém acesso à consciência vinculando-se aos resíduos mnêmicos de percepções visuais e auditivas ao longo do caminho da função da fala. Nos animais, aos quais esta falta, as condições devem ser de tipo mais simples". (FREUD,1939/1987:118)

O advento da fala tornou exequível as percepções conscientes de eventos internos, tais como idéias e processos de pensamento, exigindo-se, porém, a intermediação de um julgamento que as separe das percepções do mundo externo: a prova de realidade. Tal julgamento é realizado pelo ego que contém em si os processos de pensamento conscientes. Como o ego também se utiliza das sensações de angústia para despertar esses processos, através da vinculação com traços mnêmicos, é possível uma confusão entre as percepções

que se originam de dentro das que se originam de fora. Contudo, não se pode supor que essa prova de realidade conduziria à percepção real ou última das coisas, pois como já afirma o próprio agnosticismo freudiano, o real não é passível de cognição.

Esse pensamento observador pode se sobrepor ao próprio processo primário e sua função é estabelecer um discernimento básico das vias de realização do desejo, sempre parciais. Desse modo, representa a maneira mais acabada de incorporação das pulsões de vida pela estrutura psíquica, a verdadeira fonte da vontade de viver e que zela pela integridade do corpo.

A esse núcleo primitivo do ego compete, então, o estabelecimento de perceptos adequados a partir de sensações corporais, através da integração das imagens captadas dentro de quadros mnêmicos comparativos, utilizando como instrumentos de verificação a similaridade, a proximidade e o seqüenciamento, e tendo como critério de seleção o prazer/desprazer.

Tais quadros mnêmicos vão se complexificando, pelo acúmulo de experiências, no interior do ego primitivo, e sua solidificação acontece com o advento do ego ideal no estágio do espelho. O processo se completa com a cristalização do superego ao final do Édipo e sua separação do ideal do ego.

Assim, o núcleo representacional primitivo responsável pela percepção inconsciente passa a ter uma atividade orientada pela prevalência de uma das instâncias narcisistas num determinado momento, de acordo com as associações de imagens provocadas por uma sensação específica.

Ferenczi foi quem, dentre o círculo freudiano, mais teorizou sobre a função cognitiva inconsciente. No seu texto *Matemática* afirma que toda a percepção é baseada num cálculo, que está inconscientemente calculada de antemão, servindo como uma



orientação básica para os seres vivos. Para ele a Matemática seria a "*autopercção de sua própria função consciente*". (FERENCZI,1992,IV:182)

Antecipando algumas idéias da Psicologia Cognitiva, Ferenczi afirmava que:

Os órgãos dos sentido são dispositivos de filtragem para selecionar todo tipo de impressões a partir do mundo externo caótico. A primeira triagem faz-se segundo certas diferenças particularmente grosseiras entre os órgãos dos sentidos que, com a ajuda de sue dispositivo especial de proteção contra as excitações, eliminam todas as excitações com excessão de algumas a que são sensíveis (visão, olfato audição). Uma segunda filtragem parece produzir-se no quadro dos diferentes domínios sensoriais, de acordo com certas relações quantitativas. (...) A condensação é o processo correspondente à associação no inconsciente. A condensação é uma unidade algébrica (...). O trabalho do homem que age é uma formidável performance de condensação; o resultado da condensação de uma quantidade enorme de cálculos separados e de considerações - que em si mesmos podem permanecer despercebidos, inconscientes. (FERENCZI,1992,IV:184-185)

O processo de percepção inconsciente e pré-consciente pode ser rastreado através da interpretação dos sonhos e dos atos falhos, como ficou experimentalmente comprovado por Pötzl e outros. Aquilo que foi descrito por Freud como o processo de elaboração onírica - condensação, deslocamento, simbolização, elaboração secundária -, e a relação do pensamento com os desejos e seus afetos, pode bem ser entendido como a descrição do processo perceptivo inconsciente.

O trabalho pioneiro de OTTO PÖTZL - *A relação entre imagens oníricas experimentalmente induzidas e a visão indireta* (1917), investigando os mecanismos pré-conscientes através do emprego do taquistoscópio - foi uma vertente metodológica que surgiu das primeiras formulações psicanalíticas. Ele idealizou seus experimentos a partir de observações de pacientes com distúrbios visuais ocasionados por danos cerebrais, sendo que seu interesse principal era estabelecer uma relação entre campo visual e consciência, dado que hipotetizava a exclusão das percepções provindas da visão periférica do domínio

da consciência. Nesse sentido, procurou demonstrar experimentalmente a existência da percepção pré-consciente e a sua expressão na atividade onírica, em consonância com a teoria psicanalítica dos sonhos.

Pötlz estabeleceu a denominada "lei de exclusão", afirmando que a elaboração onírica utiliza as imagens oriundas da percepção pré-consciente em detrimento daquelas obtidas pela via consciente, o que está em conformidade com a hipótese psicanalítica sobre os resíduos diurnos, aspecto evidenciado por Freud em *A Interpretação dos Sonhos*.

Na esteira dessa pesquisa original, outros pesquisadores buscaram combinar a teoria psicanalítica com o método experimental, como ALLERS & TELER (1924) e MALAMUD & LINDER (1931).

Essa temática foi retomada na década de 50, com estudos de base analítica focalizando o "fenômeno de Pötlz", percepção pré-consciente, percepção subliminar (*subception*) ou mesmo hipermnésia. Entre eles pode-se mencionar as pesquisas de LUBORSKY & SHEVRIN(1956,1958), ERIKSEN(1951), ERIKSEN & JOHSON(1961), KLEIN(1959), FISHER(1954, 1957, 1959, 1960). Outras pesquisas foram realizadas, no decorrer desse período, analisando os mesmos fenômenos segundo a abordagem psicofísica. (GOLDIAMOND,1958; BEVAN,1964).

Para esses autores a percepção pode ser entendida como um processo que se desenvolve em quatro fases: 1. registro sensorial inconsciente (*subliminal registration*); 2. elaboração cognitiva inconsciente, na qual o registro sensorial é comparado com os esquemas mnemônicos preexistentes; 3. emergência do percepto como imagem; 4. reprodução da imagem através da palavra. A lei de exclusão de Pötlz é então definida como uma atividade pré-consciente conectada ao sentido das imagens percebidas, em detrimento de uma forma específica de apreensão.

Estudos posteriores confirmam a ocorrência controlada da percepção pré-consciente (ERDELYI,1970,1972; KEPECS & WOLMAN,1972; MASLING,1983), sendo ressaltada também a necessidade de aprimoramento da metodologia para sua verificação experimental (BECKER & ERDELYI,1974; ERDELYI & STEIN,1981; WHITEHOUSE *et alii*,1988). BRAKEL(1989) retoma essa temática, propondo uma revisão do sistema Percepção-Consciência (Pcpt.-Cs.), tal como aventado por Freud, à luz dos estudos sobre apreensão e registro pré-consciente.

Na última década, essa linha de trabalho ganhou renovado impulso com a publicação de diversos estudos que buscam unir o método experimental às concepções psicanalíticas. Dentre eles, pode-se citar os de BOOTZIN, KIHLOTROM & SCHACTER,1990, BARRON, EAGLE & WOLITZKY,1992 e BORNSTEIN & MASLING,1998, que demonstram a convergência crescente entre a Psicologia Cognitiva e a Psicanálise, principalmente no que diz respeito à importância dos aspectos inconscientes na percepção e na atenção.

Essa conexão aparece no conceito de alucinação negativa (*vide* BRAKEL,1989) ou cegueira inatencional (*vide* MACK & ROCK,1998), que diz respeito ao fenômeno de anulação temporária da percepção de determinados objetos por falta de atenção, mesmo quando claramente observáveis e estando no foco central da visão ocular. Esse fenômeno, facilmente notado no dia a dia, como já postulava Freud no seu *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901), decorrem de uma insuficiência atencional motivada por processos inconscientes, conduzindo a ações equivocadas (*Vergreifen*). Essas deficiências do funcionamento psíquico "e certos desempenhos aparentemente inintencionais revelam, quando a eles se aplicam os métodos da investigação psicanalítica, ter motivos válidos e ser determinados por motivos desconhecidos pela consciência". (FREUD,1901/1987:208)

Um exemplo claro desse fato é a atitude paranóica, na qual os detalhes do comportamento alheio são observados em minúcia, para daí se retirar conclusões plenas de significado. Embora a ideação subsequente leve o paranóico para longe do real conhecimento do outro, há "algo de verdadeiro" nessa observação: é o fundo de verdade da paranóia, a atenção às sutilezas não-verbais do comportamento que denotam agressividade. (cf. FREUD,1901/1987:221)

Nesse sentido, o direcionamento da atenção distingue a percepção pré-consciente ou inconsciente da percepção consciente. O estímulo fora do foco da atenção é percebido de forma pré-consciente e submetido a um processamento complexo, só sendo conscientizado pelo deslocamento voluntário (*atenção voluntária*) ou forçado da atenção (*atenção capturada*). Como não ocorre percepção consciente sem o concurso da atenção, qualquer desvio na atenção ocasiona um déficit na percepção consciente, gerando escotomas atencionais ou 'brancos' (falhas) perceptivos, isto é, regiões do campo visual não percebidas.

Do ponto de vista psicanalítico, isso significa que a informação processada perceptualmente é tornada consciente sempre de modo parcial, sendo submetida, ainda, a alterações segundo a atividade do processo primário. O processamento dessas informações, enquanto significantes, é realizado pelas instâncias narcisistas, que 'filtram' a captação dos órgãos dos sentidos através da comparação com imagens acumuladas na memória, e atribuindo-lhes um significado. A filtragem de informações é dirigida de acordo com as idiosincrasias de cada sujeito, tendo relação com suas representações ideativas, que incidem no intervalo entre percepção e consciência ou entre *cuir et chair* (couro e carne) na metáfora lacaniana (cf. LACAN,1985:48).

O conceito de Eu-pele, desenvolvido por ANZIEU (1989), como uma realidade fantasmática e base do imaginário, procura dar conta justamente desse papel mediador da cognição humana, que está ancorada no desenvolvimento do *soma*.

A perspectiva psicanalítica se distingue fundamentalmente das perspectivas psicofisiológica e psicossociológica por considerar a existência e a importância permanentes da fantasia individual consciente, pré-consciente e inconsciente e seu papel de ligação e de tela intermediária entre a psique e o corpo, o mundo, as outras psiques. (...) O Eu-pele é uma estrutura intermediária do aparelho psíquico: intermediária cronologicamente entre a mãe e o bebê, intermediária estruturalmente entre a inclusão mútua dos psiquismos na organização fusional primitiva e a diferenciação das instâncias psíquicas que corresponde à segunda tópica freudiana. (ANZIEU,1989:4-5)

O interesse dessa linha de pesquisa que cruza Psicologia Cognitiva e Psicanálise é responder algumas questões básicas: quanta informação visual pode ser decodificada pela mente humana, consciente e inconscientemente? Por que certos objetos são facilmente conscientizáveis, enquanto outros permanecem inconscientes? Qual a função da informação percebida inconscientemente? Como isso afeta as atividades humanas que dependem da acuidade visual para o seu desempenho seguro?

Finalizando, o conhecimento em Psicologia é palco de um embate entre uma abordagem empirista e uma visão estruturalista, entre o comportamento quantificável e o sentido qualitativo. Talvez, pela via da análise cognitiva, cheguemos finalmente a uma aproximação entre essas correntes

Desse modo, a noção de inconsciente não se reduziria ao *locus* das pulsões e ao reservatório da energia psíquica ou, por outro lado, a um mero conceito descritivo em oposição à consciência, sendo um conceito-chave para a análise da cognição humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLERS,R./TELER,J. (1924). Uber die Verwertung unbemerkter Eindrücke bei Associationen. *Ztschr.Neutol & Psychiat.*,89:492-513.
- ANZIEU,D. (1989) *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BARRON,J./EAGLE,M./WOLITZKY,D. (1992). *Interface of Psychoanalysis and Psychology*. Washington DC: American Psychological Association.
- BECKER,J./ERDELYI,M.H. (1974). Hypermnesic for pictures. *Cognitive Psychology*, 6:159-71.
- BEVAN,W. (1964). Subliminal Stimulation: a Pervasive Problem for Psychology. *Psychological Bulletin*, 61 (2):81-99.
- BOOTZIN,R./KIHLSTROM,J./SCHACTER,D. (1990). *Sleep and Cognition*. Washington DC: American Psychological Association.
- BORNSTEIN,R.F./MASLING,J.M. (1998). *Empirical Perspectives on the Psychoanalytic Unconscious*. Washington DC: American Psychological Association.
- BRAKEL,L.W. (1989). Negative Halucinations, other irretrievable experiences and two functions of consciousness. *International Journal of Psychoanalysis*, 70: 461-79.
- ERDELYI,M.H. (1970). Recovery of Unavailable Perceptual Input. *Cognitive Psychology*, 1:99-103.
- \_\_\_\_\_. (1972) The Role of Fantasy in the Pötzl (Emergence) Phenomenon. *Journal of Personality and Social Psychology*, 24:186-90.
- ERDELYI,M.H./STEIN,J.B. (1981). Recognition Hypermnesia: the Growth of Recognition Memory (d') over Time Repeated Testing. *Cognition*, 9:23-33.
- ERIKSEN,C.W. (1951). Perceptual Defense as a Function of Unacceptable Needs. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46: 557-64.
- ERIKSEN,C.W./JOHNSON,H. (1961). Preconscious Perception: a Re-examination of the Pötzl Phenomenon. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 62 (3): 497-503.
- FERENCZI,S. (1992). *Matemática*. In: *Psicanálise IV/Sándor Ferenczi*. São Paulo: Martins Fontes.p.182.
- FISHER,C. (1954). Dreams and Perception: The Role of Preconscious and Primary Modes of Perception in the Dream Formation. *Journal American Psychoanalysis Association*, 2:389-445.
- \_\_\_\_\_. (1957). A Study of Preliminary Stages of the Constrution of Dreams and Images. *Journal Amer. Psychoanal. Assn.*, 5:5-60,.
- \_\_\_\_\_. (1959). The Effect of Subliminal Visual Stimulation on Images and Dreams: a Validation Study. *Journal Amer. Psychoanal. Assn.*, 7:35-83.
- \_\_\_\_\_. (1960). Subliminal and Supraliminal Influences on Dreams. *American Journal Psychiatry*, 116:1009-17.
- FREUD,S. (1895). *Projeto para uma Psicologia Científica*. 2ªed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24v. v I.
- \_\_\_\_\_. (1900). *A Interpretação dos Sonhos*. 2ªed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24v. v V.
- \_\_\_\_\_. (1901). *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. 2ªed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24v. v VI.
- \_\_\_\_\_. (1925). *Uma Nota Sobre o 'Bloco Mágico'*. 2ªed. Rio de Janeiro: Imago,1987.24 v. v XIX.
- \_\_\_\_\_. (1926). *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. 2ªed. Rio de Janeiro: Imago,1987.24 v. v XX.

- \_\_\_\_\_. (1939). *Moisés e o Monoteísmo*. 2ªed. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 24 v. v XXIII.
- GOLDIAMDOND, I. (1958). Indicators of Perception; I. Subliminal Perception, Subception, Unconscious Perception: an Analysis in Terms on Psychoisical Indicator Methodology. *Psychological Bulletin*, 55 (6):373-411.
- JAMES, W. (1890) *Principles of Psychology*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1981.
- KEPECS, J.G./WOLMAN, R. (1972) Preconscious Perception of the Transference. *Psychoanalytic Quarterly*, 41(2):172-94.
- KIHLSTROM, J. (1987). The Cognitive Unconscious. *Science*, 237, 1445-1452.
- KLEIN, G. (1959). Consciousness in Psychoanalytic Theory: Some Implications for Current Research in Perception. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 7:5-34.
- LACAN, J. (1985). *Seminário livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P.48.
- LUBORSKY, L./SHEVRIN, H. (1956) Dreams and Day-residues: a Study of the Pötzl Observation. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 20 (3): 135-148.
- \_\_\_\_\_. (1958). The Measurement of Preconscious Perception in Dreams and Images: an Investigation of the Pötzl Phenomenon. *J. Abn. Soc. Psychol.*, 56(3): 285-294.
- MACK, A./ROCK, I. (1998) *Inattentional Blindness*. Cambridge, MA: MIT Press.
- MALAMUD, W./LINDER, F.E. (1931). Dreams and their Relationship to Recent Impressions. *Arch. Neurol. & Psychiat.*, 25:1081-1099.
- MASLING, J.M. (1983) *Empirical Studies of Psychoanalytical Theories*. Hillsdale, NJ: The Analytic Press. 2 v.
- PIERCE, C.S./JASTROW, J. (1884). On Small Differences in Sensation. *Memoirs of the National Academy of Science*, 3, 75-83.
- PÖTZL, O. (1917). The Relationship Between Experimentally Induced Dream Images and Indirect Vision. In: Preconscious Stimulation in Dreams, Associations, and Images. Classical Studies by Otto Pötzl, Rudolf Allers, and Jakob Teller. *Psychological Issues*, II (3), Monograph 7, 1960.
- RAFFAELLI, R. (1997). Psicanálise e Percepção. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, 12 (16):77-104.
- ROEDIGER, H.L. (1990). Implicit Memory: Retention without remembering. *American Psychologist*, 45(9), 1043-1056.
- WHITEHOUSE, W.G. et alii. (1988). Hypnotic Hypermnnesia: Enhanced Memory Accessibility or Report Bias? *Journal of Abnormal Psychology*, 97(3):289-95.